

Adoecimento e colapso do professor: impactos da violência na escola

Enfermedad y colapso del profesor: impactos de la violencia en la escuela

Adriana Lira

adrianaliraucb@gmail.com

Jheneffer Naiara Feliciano Medeiros

jheneffercomjhe@gmail.com

Universidade Católica de Brasília

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade
Brasília-DF. Brasil

Artículo recibido: 12/05/2015

Aceptado para publicación: 01/06/2015

Resumo

Em 2012, ano de realização do presente estudo de caso, verificou-se que o Brasil ocupou o penúltimo lugar no “ranking” da educação ao lado de 36 países (OCDE, 2012). Impactadas com este resultado, os autores do artigo em tela buscaram compreender o porquê desta realidade, presumindo que as violências são uma das causas que compromete a qualidade do ensino-aprendizagem na sociedade brasileira. Por estas razões, organizaram uma pesquisa a fim de averiguar junto aos docentes de uma escola da periferia de Brasília qual a relação das situações de conflitos, violências e indisciplina do dia a dia com o adoecimento e desestímulo docente. Entre outros resultados, o estudo revelou que a relação conturbada entre professor-aluno compromete a qualidade da aula já que os docentes entrevistados destacaram despreparo para lidar com tais conflitos, inclusive com a tendência de somatização dos mesmos. Em geral, os resultados evidenciaram a necessidade de acompanhamento e apoio deste profissional em contextos sensíveis, a fim de minimizar tais problemas e, ainda, a urgente necessidade de repensar a formação inicial de futuros professores na tentativa de superar o choque de realidade tão comum já nos anos iniciais da carreira docente, conforme também constataram Gomes e Pereira (2009).

Palavras-chave: violências; relação professor-aluno; síndrome de *burnout*; formação inicial de professores.

Resumen

En 2012, año de realización del presente estudio de caso, se verificó que Brasil ocupó el penúltimo lugar en el “ranking” de la educación al lado de 36 países (OCDE, 2012). Impactados con este resultado, los autores del artículo buscaron comprender el por qué de esta realidad, presumiendo que la violencia es una de las causas que comprometen la calidad de la enseñanza-aprendizaje en la sociedad brasileña. Por esta razón, organizaron una investigación a fin de averiguar junto a los docentes de una escuela de la periferia de Brasília, cuál es la relación que existe entre las situaciones de conflicto, violencia e indisciplina del día a día, y la enfermedad y la falta de estímulo docente. Entre otros resultados, el estudio reveló que la relación conturbada entre profesor-alumno compromete la calidad de la clase, ya que los docentes entrevistados manifestaron no estar preparados para lidiar con tales conflictos, inclusive con la tendencia a la somatización de los mismos. En general, los resultados evidenciaron la necesidad de acompañamiento y apoyo a estos profesionales, a fin de minimizar tales problemas y, además, la urgente necesidad de repensar la formación inicial de los futuros profesores en un intento por superar el choque con la realidad, tan común ya en los años iniciales de la carrera docente, conforme también lo constataron Gomes y Pereira (2009).

Palabras-chave: violências; relação professor-aluno; síndrome de *burnout*; formação inicial de professores.

Investigación
arbitrada



As violências nas escolas tornaram-se uma constante no cotidiano brasileiro. Por exemplo, pesquisas realizadas por Sposito (2001) em diversos estados brasileiros e por Abramovay (2005) no Distrito Federal demonstram que elas não só ocorrem nas extremidades da escola, mas também dentro do espaço escolar. Não se trata, porém de um problema novo (Charlot, 2002) já que a literatura registra que este problema vem sendo explorado no Brasil e no mundo com mais veemência há algumas décadas. Contudo, a sua ocorrência diária leva ainda à necessidade de maiores especulações, como, por exemplo, compreender como se dá a relação professor-aluno em face desta realidade e, ainda, identificar como os professores se sentem diante dos conflitos com seus alunos.

Para este trabalho, adotamos como parâmetro a concepção de Charlot (2005, p. 24) para expressar o que compreendemos por violência: “Nome que se dá a um ato, uma palavra, uma situação etc., em que um ser humano é tratado como objeto, sendo negados seus direitos e sua dignidade de ser humano, de membro de uma sociedade, de sujeito insubstituível”. Com este conceito, pensamos deixar claro que não fazemos distinção entre violências graves e menos graves. Mas, carecem de atenção conflitos e violências diversas, sejam verbais, psicológicas, físicas e simbólicas.

É sabido de antemão que as violências têm consequências para todos os envolvidos. No entanto, aqui neste trabalho, pretendemos analisar dois problemas assaz comuns na profissão docente: o adoecimento e o desestímulo do professor a partir das situações de conflitos, violências e indisciplina, consideradas hoje como desafios no cotidiano escolar. Por estas razões, o objetivo norteador deste estudo foi averiguar qual a relação das situações de conflitos, violências e indisciplina do dia a dia da sala de aula com o adoecimento e desestímulo do professor.

Como se sabe, a escola tem uma importante posição para o desenvolvimento social e o educador exerce um papel preponderante no processo de formação da identidade de crianças e adolescentes. Apesar da importância da instituição escolar e do professor, o que se verifica é que o contexto educacional, sobretudo público, atravessa uma crise já que os profissionais não sabendo lidar com esta realidade mostram-se cada vez mais insatisfeitos com a profissão. Além disso, há queixas dos educadores em relação à falta de reconhecimento de seu trabalho por parte do seu público-alvo: os estudantes. Essa falta de reconhecimento faz com que a relação professor-aluno em sala de aula se resulte em um verdadeiro “campo de guerra” já que, segundo Gomes (2010, p.125), “há uma tendência de os adultos à amnésia de sua adolescência, isto é, se esquecem de como testavam os limites e como faziam coisas, digamos, heterodoxas”. Compreendemos a partir de tal observação que entre o professor e o aluno, o primeiro é mais responsável por mudar a realidade que se apresenta entre alunos e adolescente. Tal atitude exige-lhe a virtude da humildade para reconhecer as próprias limitações e reconhecer que certos modelos já não têm mais funcionalidade como antes. Ao professor cabe, pois, um jogo de cintura em sua classe para envolver os estudantes para que apredam com clareza e neste processo resolvam os seus conflitos e estes não interfiram na sua aprendizagem. Neste sentido, as ideias de Moraes (2008) convergem para mostrar que a falta de receptividade está algumas vezes relacionada à metodologia utilizada pelo professor que exerce um papel importante na dinâmica da sala de aula, na aplicação dos conteúdos.

1. A relação professor - aluno

Neste espaço de convivência humana que é a escola, os indivíduos sendo únicos possuem cada um com sua identidade, além da sua própria forma de ver e entender o mundo (Fernández, 2005). Diante disto, a formação dos alunos torna-se um desafio ao professor que também sendo sujeito deve respeitá-los e levá-los a

conviverem com o diferente e, desta forma, preparando-os para a dinâmica da vida adulta numa sociedade cada vez mais plural. Neste entremeio, o desafio da convivência se impõe não apenas para os estudantes, mas também para os educadores, já que a relação professor-aluno na realidade brasileira tem sido marcada por uma relação conflituosa como puderam constatar Ferreira e Gomes (2009).

Uma das queixas dos professores refere-se à percepção de uma ausência do sentimento de “temor” nos estudantes, principalmente adolescentes. Isto evidencia que a sociedade atual lida com reptos de um novo perfil de adolescentes, cujos valores por eles adotados põem em xeque os pensamentos tradicionais daqueles educadores que não conseguem acompanhar as mudanças dos tempos atuais. Além disto, é possível perceber que o “temor” é equivocadamente entendido como respeito por parte de alguns docentes. Não sabendo lidar com esta nova realidade, eles (professores) acabam tendo uma falsa ideia de que não há mais o respeito de antigamente e, sem uma maior reflexão ou dificuldade de mudanças. E mesmo com a prática de autoritarismo por parte dos educadores com os seus estudantes, havia de certa forma um ato de “respeito”.

Quando indagamos os professores sobre a autoridade docente e o respeito na relação professor-aluno, verifica-se uma tendência à culpabilização do alunado pelo desgaste desta relação. No entanto, não sabendo lidar com os conflitos entre os estudantes e com eles, uma parte dos educadores acaba desestimulada de sua tarefa ou mesmo doentes, visto que algumas medidas adotadas pelo professor contribuem para isso, como, por exemplo, gritar e expor o estudante, tornando uma relação tensa como verificaram Ferreira e Gomes (2009). Com isso, o que se observa é que o educador deixou de ser uma figura de prestígio quando não sabendo lidar com os desafios da sala de aula, reage negativamente aos conflitos com os seus alunos (Lira; Gomes, 2010). Assim sendo, a prática do autoritarismo como tentativa de se sair neste cenário faz com que o professor perca a sua autoridade como demonstra pesquisa relativamente recente feita por Gomes, Pereira e Lira (2009).

Desta forma, o que se verifica é que o contexto marcado por sucessivos conflitos e violências têm efeitos negativos para o processo de ensino-aprendizagem onde o aluno perde, mas também o professor, que uma vez despreparado sofre as consequências de adoecimentos ou, ainda, do desestímulo diário, aspecto explorado a seguir.

2. A síndrome de *burnout*

Como rapidamente mostramos até aqui, o contexto de violências, mas também os conflitos existentes na relação professor-aluno geram o sofrimento dos profissionais educadores que se mostram despreparados e necessitados de ajuda. Este esgotamento, que pode se revelar de forma física ou mental na profissão docente, bem como em qualquer profissão, se dá por exigir do profissional uma relação de atenção direta e emocional. Daí ser um problema recorrente dos profissionais da educação e, mais especialmente do professor.

Este desestímulo e adoecimento profissional, oriundos das condições de trabalho aos quais estão submetidos os educadores, têm sido muito explorados a partir da síndrome de *burnout*. A exemplo disso, Carlotto (2002) pôde verificar que entre as maiores causas desta síndrome está o mau relacionamento entre docentes e discentes. Este mau relacionamento se configura pelo desrespeito, por vezes, interpretado como indisciplina. Todavia, há um grande equívoco do conceito de disciplina para a maioria dos educadores que considera como: “respeito” dito anteriormente, visto como temor, ordem, silêncio, soberania e etc. Aquino (1998) destaca que a disciplina está vinculada a uma prática autoritária do ensino. Prática esta desnecessária no processo de ensino e aprendizagem.

Ainda presos aos antigos modelos educacionais e não sabendo lidar com as mudanças do tempo presente, os profissionais não compreendem a prática do autoritarismo só causam efeitos contrários. Neste sentido, Aquino (1998) lembra que para uma aprendizagem afetiva não é preciso o agir com o autoritarismo de outrora, uma vez que o educador tem um papel mais significativo em sala de aula. No entanto, com base em Carlotto (2002), verificamos que é possível perceber a opção de professores por manter o papel de modelo social, o de transmissor exclusivo de conhecimento e o de hierarquia possuidora de poder, fomentando deste modo as maiores possibilidades de ser questionado e de desenvolver sentimentos de mal-estar.

Outro aspecto levantado por Aquino (1998) refere-se à falta de interesse dos estudantes. Atitude esta que se configura como um problema para o referido autor já que é inadmissível qualquer que seja o profissional que passa a responsabilidade de seu papel para outro por se mostrar incapaz de cumprir seu próprio ofício.

Estudos como os de Soares (2008) e Magalhães (2012) demonstram que é elevado o número de educadores da rede pública de ensino do Distrito Federal que já se afastou por sofrer algum transtorno emocional / psicológico, decorrente da atividade docente; buscando por estas razões, por meio de ações judiciais, afastamento do trabalho ou professando forte desejo de desistir de seu ofício.

Apesar dos vários estudos, falar deste problema ainda constitui um desafio, logo que o desestímulo profissional pode ser diagnosticado ou não com uma síndrome, atentando-se que o mal-estar pode ser apenas um desconforto em relação algum acontecimento que o aborreça. Aguiar e Almeida (2008, p. 25) afirmam que “o professor percebe que, na escola, sua produção caiu, que o desempenho em sala já não é mais o mesmo, assim como também diminuiu drasticamente o desejo de estar em sala de aula”.

Por outro lado, também é possível verificar que há professores que não se importam com os desentendimentos dos alunos e com os alunos. Compreendemos, pois que estes, reconhecendo o seu papel na formação dos estudantes, não podem mais ignorar uma realidade que precisa ser refletida e superada. Portanto, continuar buscando encontrar responsáveis pelos problemas da escola não é a atitude mais sensata. Ademais, é preciso reconhecer que a escola faz parte de uma sociedade cada vez mais volátil a qual se idealiza a liberdade e os alunos, especialmente adolescentes, camuflam suas atitudes rebeldes se achando os donos da razão onde a modernidade parece oferece-lhes um maior espaço para uma falsa ideia de independência. Assim sendo, a tarefa de ser educador tornou-se ainda mais desafiadora nos dias de hoje.

Compreendemos pois que os conflitos e violências contribuem para a falta de atratividade da profissão docente, e, portanto, pode ocorrer “uma escassez de docentes no país em futuro não muito distante”, problema destacado por Palazzo e Gomes (2014, p. 28).

3. Metodologia

Esta investigação faz parte de um estudo de caso de natureza descritiva e exploratória realizado no segundo semestre de 2012. A escolha deste método permite, segundo Duarte (2002), a compreensão mais aprofundada do problema de pesquisa. A geração de dados se deu por meio da entrevista semiestruturada com dois docentes, a observação *in loco* e a aplicação de questionário com 29 questões abertas e fechadas para 15 professores. Os dados quantitativos foram tabulados por meio do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e os dados qualitativos foram submetidos a análise de conteúdo proposta por Bardin (2009).

4. Resultados e discussão

4.1. Caracterização do contexto pesquisado e dos participantes

O estudo foi realizado nos turnos matutino e vespertino em uma instituição de ensino fundamental da educação básica situada numa cidade da periferia do Distrito Federal em Brasília. A escolha da referida escola se justifica pelo alto índice de ocorrências de violências.

No total, havia na escola 25 professores em sala, entretanto, da amostra fizeram parte apenas 15 docentes que se voluntariaram do preenchimento do questionário (88,2%) e 02 docentes (11,8%) participaram apenas da entrevista semiestruturada. Caracterizando mais precisamente tais participantes, havia uma representatividade maior de docentes do sexo feminino (76,0%) (Ver tabela 1).

Quanto à faixa etária, verificam-se profissionais mais jovens (35,0% - entre 25 e 30 anos de idade) e na mesma proporção um percentual de professores mais maduros (35,0% - mais de 40 anos de idade - (Ver tabela 2). Consideramos ser este um aspecto relevante para analisar como reagem os mais novos e mais maduros em face dos conflitos e violências no cotidiano escolar.

Tabela 1. Participantes por técnica e sexo

1.1 Participantes por técnica	nº.	%	1.2 Sexo	nº.	%
Questionário	15	88,2	Feminino	13	76,0
Entrevista semiestrutura	02	11,8	Masculino	04	24,0
Total	17	100,0	Total	17	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 2. Faixa etária e formação acadêmica dos participantes

2.1 Faixa etária	%	2.2 Formação acadêmica	%
Entre 19 e 24 anos	6,0	Graduação	41,0
Entre 25 e 30 anos	35,0	Especialização completa	47,0
Entre 31 a 40 anos	18,0	Mestrado completo	6,0
Mais de 40 anos	35,0	Cursando Especialização	6,0
Não responderam	6,0	Não responderam	0,0
Total	100,0	Total	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Paralelo a isso, a tabela 2 apresenta ainda a formação acadêmica destes profissionais. Por exemplo, é notório um baixo nível de educadores com o Mestrado Completo (6,0%), tendo em vista que o que se verifica é uma tendência de os professores aderirem uma carga grande de trabalho sem tempo para uma formação continuada à nível de Pós-Graduação, inclusive como podemos verificar na tabela 4. Fato este que a nosso ver fragiliza a qualidade da educação. Este fato ocorre especialmente com professores que atuam na forma de contrato temporário, já que estes não recebem da Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal (SEEDF) o suporte ou benefício para realização de estudos como especialização, Mestrado, Doutorado durante o tempo de trabalho. Apenas para tornar clara esta questão, cumpre lembrar que aqui no Brasil, há duas possibilidades de atuação do professor que é a forma de contrato efetivo ou a forma de contrato temporário. Os professores que trabalham sobre esta segunda modalidade (contrato temporário), embora também aprovados mediante concurso público, não fazem parte do quadro permanente de professores e, sim, atuam por um prazo determinado de tempo em substituição a um docente que está afastado do trabalho por razões diversas. Pesquisa realizada em Portugal por Serpa, Morais e Cabral (1999) identificou que o domínio dos conteúdos não é o maior desafio encontrado pelos professores no início da carreira, mas sim a indisciplina e os conflitos na sala de aula, o que acarreta em prejuízos para a qualidade da aula e conseqüente para a saúde do professor que desde cedo tem que aprender a administrar tais situações de modo a evitar o adoecimento docente e o desencanto pela profissão tal qual o esboçado pelos professores nestes estudos. Daí então, um dado analisado nesta pesquisa foi o tempo de experiência profissional dos respondentes. (Ver tabela 3).

Buscamos averiguar com cuidado quanto tempo de atuação o docente tinha na escola pesquisada, visto ser este aspecto importante para se analisar a percepção do docente acerca da escola que atua. E, ainda, a sua carga horária de trabalho em sala de aula (Ver tabela 4). Assim, constatamos que um percentual de 41,0% tinha menos de um ano de atuação na escola pesquisa, 6,0 % tinham de 1 a 2 anos, 12,0% possuíam de 3 a 5 anos e 29,0% com 6 anos ou mais. Já em relação à carga horária de trabalho, a maioria dos respondentes (82,0%)

mencionou ter uma carga horária de 31 a 40 horas semanal e 6,0% tinham de 41 a 60 horas semanais (ver tabela 4).

Tabela 3. Regime de trabalho e tempo de experiência profissional

3.1. Regime de trabalho	%	3.2. Tempo de experiência profissional	%
Contrato efetivo	59,0	Menos de 5 anos	41,0
Contrato temporário	29,0	6 a 10 anos	12,0
Não responderam	2,0	11 anos ou mais	41,0
		Não responderam	6,0
Total	100,0	Total:	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 4. Tempo de atuação na escola e carga horária total de trabalho

4.1 Tempo de atuação na escola pesquisada	%	4.2 Carga horária total de trabalho	%
Menos de 1 ano	41,0	Até 10 horas	-
1 a 2 anos	6,0	20 a 30 horas	-
3 a 5 anos	12,0	31 a 40 horas	82,0
6 ou mais anos	29,0	41 a 60 horas	6,0
Não responderam	12,0	Não responderam	12,0
Total:	100,0	Total:	100,0

Fonte: Dados da pesquisa

Consideramos ser este um regime pesado de trabalho pode comprometer a qualidade de vida do professor já assumindo uma carga de trabalho grande não dispunham de tempo para o lazer (35,0%). Por exemplo, havia professores que atuavam mais de uma escola como mencionaram 6,0% dois participantes.

Além destes aspectos que ajudam o leitor a traçar o perfil dos participantes da pesquisa, abordamos algumas questões que tratavam mais precisamente do contexto de conflitos e violências no dia a dia da escola.

4.2. Sobre os conflitos na sala de aula

Apesar de uma maioria (41,0%) ter considerado positivo o clima da sala de aula e da escola, 24,0% consideraram o ambiente da sala de aula conflituoso já que a comunicação entre professor-aluno não é muito boa, podendo melhorar (35,0%). Entretanto, os dois professores entrevistados apontaram que a relação entre docente e discente é o desafio maior.

A princípio, verificamos uma tendência de os professores omitirem a informação de existir uma relação conflituosa entre eles. Estes atribuem estes conflitos à falta de respeito dos alunos e, ainda, à falta de compromisso deles e de seus responsáveis, conforme registram em questão aberta alguns docentes:

“Eu acho que há falta de respeito, o desinteresse pela disciplina, há a falta de respeito por parte dos alunos que, a meu ver, não têm limites em casa” (Professor, questionário12);

“Falta de educação dos alunos comigo e com os próprios colegas” (Professor, questionário 13),

“A falta de compromisso dos alunos com os estudos e a pouca importância para os estudos que não veem nele um caminho para um futuro melhor (Professor, questionário 16)

“Os alunos mais (problemáticos) estão vindo à escola sem a educação e o respeito básico construídos na família” (Professor 16, questionário).

“Há pais que não acompanham os seus filhos, transferindo a sua responsabilidade para os professores” (Professor, questionário 17).

Com o intuito de compreendermos o cenário pesquisado e sua relação com o adoecimento docente, observamos que as mais variadas formas de violência foram relatadas pelos professores como realidade da sala de aula, principalmente a agressão verbal (100,0%), brincadeiras de mau gosto (88,2%), agressão física/ briga (76,5%); ameaças (64,7%), roubos/ furtos (58,8%); atos de vandalismo (41,2%), uso de bebidas alcoólicas (5,9%); uso de drogas ilícitas (5,9%) e mesmo as violências sexuais (5,9%). Tais violências, segundo os professores, ocorrem mesmo com sua presença em sala de aula, assim consideram 41,2% dos professores o que nos leva a indagar sobre a autoridade docente e ainda sobre a mudança de valores da sociedade contemporânea, já que em tempos anteriores a figura docente era mais temida e/ou respeitada. Porém, 100,0% dos professores consideram conseguir exercer a sua autoridade em sala de aula. Consideramos que este dado revela certa controvérsia, pois se todos professores conseguissem exercer a sua autoridade, como a praticada de violências se dá mesmo com a sua presença em sala de aula como vimos anteriormente?

Já para 35,2%, as violências ocorrem quando estes estão ausentes ou nos dois casos (23,6%). Entretanto, elas não só ocorrem entre os alunos, mas professores também já foram vítimas de agressões verbais, conforme mencionaram os dois professores entrevistados. Em relação aos questionários, verificou-se uma tendência de os professores se preservarem, negando o fato de terem sido vítima.

Como encaminham os conflitos em sala de aula foi outro aspecto averiguado junto aos professores. A maioria deles (88,3%) declarou que, ao perceber algum problema entre os estudantes, tem como primeira iniciativa uma conversa com eles o que é o mais desejável já que a literatura defende a necessidade do diálogo para resolução dos conflitos (Jares, 2002). Entretanto, pesquisas como a de Lira e Gomes (2010) realizada com discentes do ensino fundamental também na periferia de Brasília revelou que o diálogo não é a medida prioritariamente adotada pelos professores para a resolução de conflitos, já que reagem igualmente no fogo dos acontecimentos com práticas autoritárias e contraproducentes.

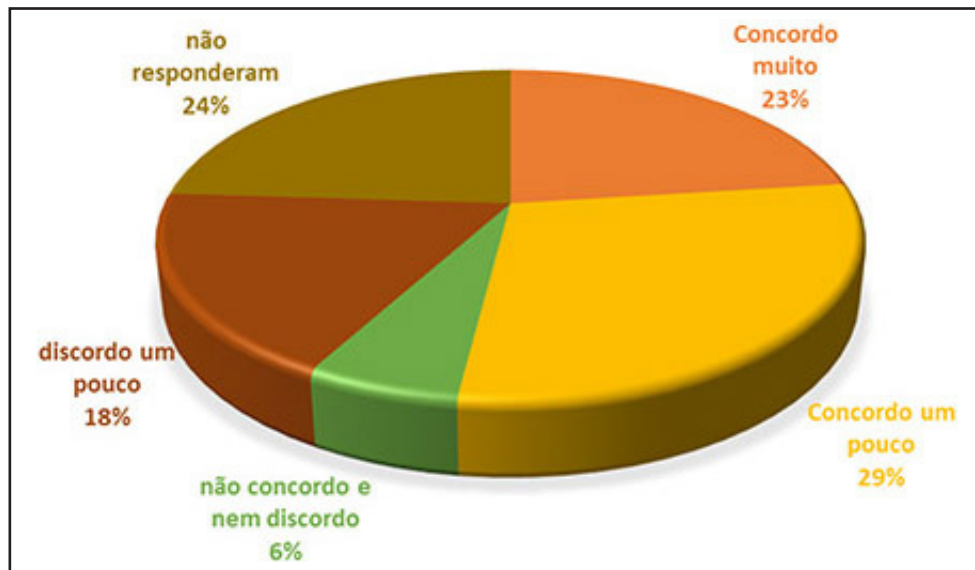
Já 23,6% dos professores admitiram encaminhar para a direção e lá se aplicam uma advertência (35,0%). Além disso, também assinalaram no questionário a adoção de medidas como prova “relâmpago” e atividades extras (29,4%) e retirada da sala de aula. Esta última opção revela o nível de saturação do professor e o seu despreparo uma vez que não conseguindo “resolver” o problema prefere retirá-lo de sala como uma medida tentar naquele momento se ver livre do problema.

Também averiguamos uma fragilidade na formação docente para os dias atuais quando 23,6% declararam que preferem ignorar as ocorrências (23,6%) e deixar que os alunos resolvam, o que também foi confirmado em entrevista com os dois professores “deixo que os estudantes resolvam entre si” (Professora 1) e “eles que se entendam” (Professora 2).

Diante deste cenário, não nos surpreendemos quando mais de 10% dos participantes afirmaram ter buscado ajuda psicológica por conta da profissão ou nem sempre sentem desejo de ir à escola, conforme representação no gráfico 1.

Para um elevado percentual de professores (33,0%), o adoecimento docente parece ser favorecido quando eles não recebem apoio dos pais dos alunos para resolver o conflito dos e com os estudantes.

Apesar de não se mostrar suficiente, nesta escola, os professores contam com uma gestão que se preocupa em apoiar o professor; aspecto de suma importância defendido por Carreira e Capanema (2005), sobretudo, num contexto de conflitos e violências. Além da figura do diretor, os professores contam ainda com o apoio



Graf. 1. Você tem vontade de vir à escola?

Fonte: Dados da pesquisa

Adriana Lira, Jheneffer Naiara Feliciano Medeiros - Adoecimento e colapso do professor: impactos da violência na escola

do orientador educacional que os ajudam no encaminhamento de conflitos com estudantes conforme destacaram (95,0%). Tal figura torna-se importante não apenas para a escuta dos estudantes, mas de certa forma também aos professores, já que este geralmente se mostra disponível e aberto ao diálogo.

Apesar do apoio do gestor e do orientador educacional, os professores mencionaram sentir a falta de trabalho em equipe do próprio grupo docente já que tendem ao isolamento, além da falta de recursos para tornar a aula mais agradável e, ainda, a falta de projetos na escola; dificultando, portanto, o trabalho de prevenção e superação de conflitos, indisciplinas e violências. Enquanto isto também eles (os educadores) se sentem ameaçados e desafiados com o mundo da tecnologia dos adolescentes que se mostram cada vez mais conectados. Aliás, o uso de celulares durante a aula é o que mais contribui para a irritação dos professores, conforme os dois colegas entrevistados.

“Conseguir a atenção dos alunos constitui um grande desafio, não só pela quantidade do número de alunos por sala (40), mas pela presença do celular em sala” (Professor 1, entrevista).

“É muito difícil competir com os celulares, jogos eletrônicos que os alunos levam a sala de aula além da falta de interesse e compromisso por parte do aluno que envolve a agitação dos alunos, a indisciplina e a falta de limites dos estudantes (Professora 2, entrevista)

Sentindo-se despreparados e desemparedados, os professores demonstram por meio de suas falas esperarem por um apoio da família, sobretudo, para resolver as questões disciplinares e o comportamento agressivo dos estudantes.

“A participação dos pais ainda é muito insatisfatória. Vem à escola os pais que são solicitados, mas percebe-se que são sempre os mesmos alunos geradores de conflitos, ou seja, os pais não conseguem resolver os problemas” (...). “Alguns tomam providências e outros acham que é marcação com o seu filho e que ele é ótimo. Outros adotam a posição de defesa do filho e acusação da outra parte, sem se preocupar com a solução. Para os professores, há desejos de contribuir, contudo, acredito que parte dos pais não tem mais domínio sobre o próprio filho”.

Além disso, foi possível verificar, a partir das observações dos professores que, no caso dos alunos agressivos, geralmente a família, quando não protege o estudante, age da mesma forma que os filhos, de forma agressiva. Alguns pais corrigem seus filhos, outros não sabem como resolver a situação, ou seja, não conseguem impor limites nos seus próprios filhos.

Em face desse cenário, os professores se mostram bastante. A maioria critica a família por se ausentar de seus papéis, alegando assim impotência neste caso, pois a solução estaria de forma mais aprofundada nas raízes, e,

por isto, costumam se sentir impotentes quanto às violências, logo que consideram pouco satisfatório fazer algo sem a ajuda da família. Os seguintes sentimentos foram destacados nas falas dos professores diante dos conflitos entre os estudantes e com os estudantes:

“Tristeza, sinto-me mais uma vítima impotente, uma vez que a violência em todo lugar e também nas escolas está fora de controle” (Professora 1, entrevista)

“Sinto medo, frustração, pois às vezes não entendemos o porquê dos desentendimentos” (Professora 1, entrevista)

“Não tenho experiência suficiente para formar opinião, mas me sinto decepcionado, inerte, procuro resolver aquilo que é possível, mas a desestrutura familiar, a inversão de valores prejudica a formação do aluno como ser humano” (Professor 2, entrevista)

“Sinto-me insegura e em muitas situações, impotente, porque o problema tem que ser tratado na raiz, infelizmente o quadro atual mostra a falta de compromisso por parte dos órgãos competentes” (Professor 2, entrevista)

“Eu me sinto constrangida, angustiada com a profissão e com vontade de abandonar a carreira de magistério no Ensino Fundamental e Médio; o professor infelizmente está exposto a muitos riscos” (Professora 1, entrevista)

“Eu me sinto de mãos atadas porque o que os estudantes deveriam receber em casa dos pais não recebem e nós professores não temos essa responsabilidade” (Professora 1, entrevista).

Para 95,0% dos professores, o problema das violências vem piorando nos últimos anos. Eis algumas justificativas:

“As violências vêm aumentando, acredito que é por causa da postura dos pais, que não tem autoridade com os filhos (Professor 3, questionário).

“O problema vem piorando, ninguém respeita ninguém, fruto, em geral, do recrudescimento das relações humanas” (Professora 7, questionário).

“Acho que os problemas pioram e depende muito da direção. Pioraram em decorrência da falta de estrutura familiar” (Professor 12, questionário).

“Infelizmente, por diversos fatores, a cada dia, as violências cometidas na escola estão aumentando. Se assim continuar, em breve, não haverá professor em sala de aula, ou haverá apenas aqueles que não conseguiram trocar de área, ou ainda, que tenham muito amor pela docência” (Professora 2, entrevista).

Ao se averiguar o fato de o professor já ter se afastado por algum problema de saúde ou se ausentou da aula por algum problema, elevado percentual confirma que sim (59,0%). Em outra questão, os educadores revelaram o desejo de desistir da profissão (71,0%) por motivos de estresse, das más condições de trabalho, baixa remuneração que, por sua vez, demonstram uma desvalorização da categoria. Estes problemas se somam ainda à falta de interesse por parte de alguns estudantes.

“Trata-se de uma profissão de risco. Todos os dias, estamos expostos diante de muitas pessoas (alunos) tentando convencê-los da importância dos estudos, tentando “forçá-los” a estudar e eles, por sua vez, nos consideram “errados” (em alguns casos). Ao “pressioná-los”, estamos expondo nós e a nossa família (Professor 1, entrevista).

Por estas razões, vemos que o exercício docente conta hoje com desafios ainda maiores em face de uma realidade de conflitos e violências dentro e fora dos muros escolares.

5. Conclusões

Se reconhecemos que a educação possui um papel importante na vida em sociedade, não podemos ignorar o adoecimento e o descontentamento que os docentes apresentam. Tal prática só contribui para agravar ainda mais o ambiente cada vez mais conflituoso, tal qual o temos constatado.

Diferente de estudos anteriores como, por exemplo, o de Fante (2010) a síndrome de *burnout* na carreira dos professores estava mais associada às condições precárias de trabalho e baixos salários aos quais estavam submetidos. No entanto, neste estudo, pudemos percebermos que atualmente um contexto conturbado aparece como forte razão para o adoecimento e desmotivação de professores, o que revela de certo modo uma fragilidade na formação de educadores que nem sempre conseguem lidar com estudantes cada vez mais heterogêneos e, por isto mesmo, resolver os conflitos com e entre os estudantes, encaminhar as ocorrências de violências e, especialmente, lidar com a indisciplina deles.

Assim, reconhecer as implicações das violências na saúde física e psíquica dos professores é aspecto importante a ser tratado na análise deste contexto de crise a que estão submetidos grande parte dos professores, que, por sua vez, ficam cada vez mais doentes e desejos de largar o magistério.

Em suma, o estudo em pauta sugere a urgente necessidade de superação do hiato existente entre o curso de formação inicial de professores, capaz de subsidiar os futuros educadores para perceberem que estamos diante de uma nova realidade em meio às mudanças da sociedade e valores desta nova geração, aspectos que não mais podem mais ser ignorados pelo professor se desejamos superar os conflitos e violências na sala de aula. Neste sentido, lembra Machado (1999, p.51) que o estágio na formação inicial de professores “deve ser um momento de confronto da idealidade com a realidade, das imagens que se tem da profissão e de si próprio com a vivência desta”. Portanto, repensar a formação inicial de professores para este contexto é medida urgente e necessária para minimizar o choque de realidade, um problema comum nos anos iniciais da carreira, conforme destaques de Gomes e Pereira (2009), e, conseqüentemente, o adoecimento e o desencantamento destes profissionais. ©

Adriana Lira. Mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Católica de Brasília e professora adjunta da mesma Universidade. Foi secretária executiva da Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade no período de 2010 a 2014. Tem diversos trabalhos publicados com seus estudantes e colegas na América Latina.

Jheneffer Naiara Feliciano Medeiros. Pedagoga pela Universidade Católica de Brasília.

Referências

- Abramovay, Miriam (Coord.) (2005). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília (Brasil): UNESCO.
- Aguiar, Rosana Márcia Rolando; Almeida, Sandra Francesca Comte de. (2008). *Mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores*. Curitiba (Brasil): Juruá Editora.
- Aquino, Julio Groppa (1998). A indisciplina e a escola atual. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo (Brasil), vol. 24, nº. 2, pp. 181-204, jul. Recuperado em 20 de setembro de 2012. http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01022551998000200011&lang=pt.
- Bardin, Laurence (2009). *Análise do contexto*. Lisboa: Edições 70.
- Carlotto, Mary Sandra (2002). A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. *Psicologia em Estudo*, Maringá (Brasil), vol. 7, nº. 1, pp.21-29, jan./jun. Recuperado em 18 agosto de 2012. www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a03.pdf.
- Carreira, Débora Bianca Xavier; Capanema, Clélia de Freitas (Orient.) (2005). *Violência nas escolas: qual é o papel da gestão?* Brasília. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Charlot, Bernard (2002). A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Revista Sociologias*, Porto Alegre (Brasil), vol. 4, nº. 8, pp. 432-443, jul./dez. Recuperado em 12 de março de 2013. www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16.

- Charlot, Bernard. (2005). Prefácio. Abramovay, Miriam (Coord.). *Cotidiano das escolas: entre violências*. Brasília: UNESCO, pp. 17- 25.
- Duarte, Rosália (2002). Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (Brasil), nº. 115, pp. 139-154, mar. Recuperado em 21 de fevereiro de 2013. www.scielo.br/pdf/er/n24/n24a11.pdf
- Fante, Cléo (2010). Bullying escolar. In: Uczai, Pedro (Org). *Outra educação é possível e necessária: os desafios da educação brasileira*. Florianópolis (Brasil): s.n., pp. 233-272.
- Fernández, Isabel (2005). *Prevenção da violência e solução de conflitos: clima escolar como fator de qualidade*. São Paulo (Brasil): Madras.
- Ferreira, Suely Soares; Gomes, Candido Alberto (Orient.) (2009). *O círculo vicioso das violências nas escolas: o que o professor não deve fazer*. Revista de Ciências da Educação, São Paulo (Brasil), vol. 11, nº. 21, pp. 77-106. Recuperado em 08 de Julho de 2015. www.am.unisal.br/pos/Stricto-Educacao/revista.../EDUCA-CAO_21.pdf
- Gomes, Candido Alberto. A inflação da adolescência. Amparo, Deise Matos do et al. (Org.). (2010). *Adolescência e violência: teorias e práticas nos campos clínico, educacional e jurídico*. Brasília: Liber Livro, pp. 125-147.
- Gomes, Candido Alberto; Pereira, Marlene Monteiro (2009). A formação do professor em face das violências das/nas escolas. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (Brasil), vol. 39, nº. 136, pp. 201-224, jan./abr. 2009. Recuperado em 08 de julho de 2015. www.scielo.br/pdf/cp/v39n136/a1039136.pdf.
- Gomes, Candido Alberto; Pereira, Marlene Monteiro; Lira, Adriana (2009). Autoridade na escola e insustentável leveza do ser. *Revista Diálogo Educacional*, Rio Grande do Sul (Brasil), vol. 9, nº. 28, pp. 481-496. Recuperado em 22 de junho de 2015. <http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=2828>
- Jares, Xesús Rodrigues (2002). *Educação e conflito: guia de educação para a convivência*. Porto: Asa.
- Lira, Adriana; Gomes, Candido Alberto (Orient.) (2010). *A organização escolar: a relação entre clima e violências*. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília.
- Machado, Constança Gomes (1999). O estágio pedagógico na formação inicial de professores: um espaço entre a teoria e a prática, entre a idealidade e a realidade. *Anais do IV Congresso Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação Investigar e Formar em Educação*. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. 2º. vol. pp. 49-53.
- Magalhães, Fábio (2012). Estudo revela número de docentes com transtornos emocionais devido ao trabalho. Professores cada vez mais doentes. *Jornal Alô Brasília. Caderno Brasília & Cidades*, 23 de agosto. Recuperado em 20 de maio de 2013. <http://www.alo.com.br/noticias/ultimas/brasil-e-cidades/177086-professores-cada-vez-mais-doentes>
- Moraes, Maria Cândida (2008). *O paradigma educacional emergente*. 13. ed. – São Paulo (Brasil): Papyrus.
- Organisation for Economic Co-operation and Development (OECD) (2012). Better Life Index. Educação. Recuperado em 08 de Julho de 2015. <http://www.oecdbetterlifeindex.org/pt/quesitos/education-pt/>
- Palazzo, Janete; Gomes, Candido Alberto (2014). Professores de menos, licenciados demais? *Revista Educação Online*, Rio de Janeiro (Brasil), n. 15, pp. 14-35, jan./abr. Recuperado em 01 de julho de 2015. <http://educacaoonline.edu.puc-rio.br/ojs/index.php/Eduonline/article/view/63/pdf>
- Serpa, Margarida D.; Morais, Filomena P.; Cabral, Conceição R. (1999). A formação inicial vista por atuais professores, antes e depois da sua experiência docente. *Anais do IV Congresso Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação Investigar e Formar em Educação*. Porto, Portugal: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. 2º. vol. pp. 175- 205.
- Soares, Maria Tereza Perez (2008). *As emoções e os valores dos professores brasileiros*. São Paulo (Brasil): SM, OEI.
- Sposito, Marília Pontes (2001). Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. *Educação & Pesquisa*, São Paulo (Brasil), vol. 27, nº.1, pp. 87-103, jan./jun. Recuperado em 10 de Janeiro de 2013. www.revistas.usp.br/ep/article/view/27856

